

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

## **Debruçando-se na janela do tempo: cantos e encantos da história feminina brasileira (1870/1940)**

*Deve-se reconhecer, efetivamente, que o passado tem suas próprias vozes, e que estas precisam ser respeitadas, sobretudo, quando elas se opõem ou introduzem ressalvas às interpretações que gostaríamos de atribuir-lhes. Um texto é uma rede de resistências e um diálogo é uma relação bilateral; um bom leitor é também um ouvinte atento e paciente”*

Dominique LaCapra. 1983

*Nos jardins do Remanso e da Tapera, as rosas floresceram, mas ao seu redor já começavam a cantar os pássaros, livres de suas gaiolas. Era só uma questão de aguçar os ouvidos e ouvir o seu canto...<sup>1</sup>.*

Tentar perceber, nesta bandeira levantada por Júlia Lopes de Almeida a urdidura de um tempo, os umbrais de um local de memória onde a mulher se insere como autora de um elenco de obras destinadas ao público mais eclético, apesar de restrito somente às classes mais privilegiadas da sociedade brasileira. Descortinar através da palavra, os atos, a inserção feminina nas experiências cotidianas da passagem do século XIX para o XX, em toda sua complexidade, é nossa intenção neste artigo.

No século XIX, o mundo literário é quase que exclusivamente masculino. À mulher, reserva-se especialmente a produção de „*egodocuments*”<sup>2</sup>, - diários íntimos recheados de poesias e pensamentos edificantes - uma ligação profunda com os tempos da memória, responsável pela guarda dos momentos do passado que se entrecem com o presente e com um devir de promessas fundadas na experiência do cotidiano. O tempo é circular e cíclico, um „*eterno retorno*”, que, ancorado no presente, retoma o gestual quase mítico do passado para aclarar situações constantemente referidas, reafirmando as tradições e os elementos prescritivos, nunca novas.

Nesse contexto, a ação feminina não passa por uma práxis com referencial a meios ou a fins. Ela se legitima na tradição, na perpetuação de valores e de crenças firmemente estatuídos via Igreja católica e referendados por um Estado que ainda não se configurava totalmente independente dos

---

<sup>1</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da Roça*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1913, p. 18.

<sup>2</sup> ver DEKKER, Rudolf M. „Egodocuments in the Netherlands, 1500-1814”. In: *Dutch crossing. A Journal of Law Countries Studies*, nr. 39, 1989.

dogmas cristãos<sup>3</sup>. Dentre os papéis femininos cabia à mulher ser provedora do núcleo fundamental da vida feminina: a família, tornando-se a formadora de cidadãos e de cristãos, a guardiã dos princípios e das regras estabelecidas. Essa visão modelar da mulher é, nas últimas décadas, objeto de investigações e críticas por parte de diversos historiadores e, sobre elas tenho me detido para traçar este plano de estudos<sup>4</sup>.

Enquanto o homem „abre-se” para viagens e incursões curiosas, rompendo os grilhões da memória clâmica, numa postura de conquistar espaços, descortinar como um argonauta as possibilidades do „novo”, do inexplorado, a mulher, „fecha-se” em seu referencial de „gestadora”, recuperando as tramas do passado para, qual Penélope esperançosa, tecer seu interminável trabalho no tear da recordação.

Entretanto, a Pandora mítica, caixa de surpresas tão ciosamente velada pelo masculino dominante, poderá, em alguns momentos revelar seu conteúdo mais profundo, desabrochando-se para o mundo da experiência projetada, vivenciando o presente e tomando dele os referenciais para sua própria introjeção no futuro.

A literatura, permitida para as moças, ao invés de proporcionar um alargamento dos horizontes das *enfants de Sion*, era utilizada como elemento normatizador e disciplinador, na medida em que reforçava os padrões e virtudes tidas como ideais para os padrões da Igreja Católica. A postura do Vaticano quanto à mulher era bastante pragmática: ela deveria ser. Esse „dever ser” erguia-se como um muro em relação ao resto do mundo do qual a mulher deveria ser protegida, guardada. Seus papéis seriam definidos a partir do ideal de maternidade, a Virgem Maria como paradigma do ser esposa e mãe, sustentáculo da ordem doméstica e familiar; núcleo central da sociedade civilizada e católica.

Qualquer incursão da mulher por outros terrenos que não os permitidos, era vista como quebra dos padrões morais e normativos, punida muitas vezes com a execração moral e religiosa. Por isso, os diversos manuais de boa conduta, os Índex de obras proibidas, uma vez que

---

<sup>3</sup> Este tema foi explorado na dissertação de mestrado de Vanessa Cavalcanti - Vestígios do Tempo: Memórias de Mulheres Católicas (1929/42) - quando enfatiza-se a educação feminina católica oferecida pelo Colégio Notre Dame de Sion, nas primeiras décadas do século XX.

<sup>4</sup> A partir da década de setenta, as historiadoras feministas acirraram o debate sobre novas formas de abordar a história cultural, a princípio simplesmente incluindo-as nos processos históricos e, posteriormente detendo-se às suas práticas e experiências cotidianas. Na historiografia nacional : Mirian Moreira Leite; Maria Odila Leite Da S. Dias; Marina Maluf; Maria Tereza Bernardes; Leila Mezan Algranti; Margareth Rago; Norma Telles, entre outras. Na internacional: Michele Perrot; Rudolf M. Dekker; Joan Scott; Sandra Harding; Mona Ozouf; Bárbara Welter, entre outras (ver bibliografia ao final).

*no século XIX, dizia-se que as mulheres poderiam ser mal influenciadas por um livro... Livros que atacavam ou pareciam atacar o lugar da mulher na sociedade, eram vistos como perigosos*<sup>5</sup>.

Nas estantes empoeiradas do Colégio Sion Paulista, entre os muitos autores e personagens estrangeiros, livros onde jovens pálidas e românticas esperam ser despertadas para a vida pelo beijo casto e dominador de algum príncipe encantado, foi possível deparar com um autêntico pássaro canoro brasileiro, livre e colorido que cantava uma moça saudável e de faces coradas que abraçava alegremente a tarefa de viver seu tempo, senhora de seu momento, tecelã de seu próprio destino: Júlia Lopes de Almeida, escritora não permitida para as *enfants de Sion*.

Embora sua produção infantil fosse bastante conhecida e adotada em escolas de vários Estados brasileiros, a romancista, cronista e versátil articulista não fazia parte do selecionado rol de autores que frequentavam as Bibliotecas dos Colégios confessionais de sua época, talvez por sua rebeldia em aceitar os padrões normativos, talvez por suas vinculações com o movimento feminista nascente, talvez por sua ousadia de propor para as mulheres o rompimento com o modelo instituído.

Revestida pelo olhar romântico e saudoso de seu filho poeta, a romancista é apresentada como uma mulher forte, instigante, com novos horizontes:

*A dextras finas, hábeis mãos de artista,  
A minha mãe, enfrente a essa janela  
Urde a trama dos sonhos, imprevista...<sup>6</sup>  
Olhas ... e freme a luz; radiante e morno,  
O teu olhar é vida e pensamento,  
É criação, é expansão, é ânsia, é grito!*<sup>7</sup>

Nascida no Rio de Janeiro em 24/09/1862, pertencendo às camadas abastadas da sociedade carioca, desde muito cedo Júlia Lopes de Almeida interessou-se pela literatura, fato bastante inusitado para as mulheres de sua classe e época, quando a maioria era instruída por preceptoras ou nos poucos colégios particulares laicos, recebendo uma formação modelar, voltada para

---

<sup>5</sup>) WELTER, Bárbara. The Cult of True womanhood: 1820/1860. In: GORDON, Michael. American family in social-historical perspective. New York, Saint Martin Press, 1973, p. 16.

<sup>6</sup>) ALMEIDA, Afonso Lopes de. A Janela Grande. Mãe. Rio de Janeiro, Ed. Jornal do Comércio, 1945, p. 24. (Afonso Lopes de ALMEIDA é filho de Júlia Lopes de Almeida e dedicou o livro à sua mãe anos após a sua morte).

<sup>7</sup>) ALMEIDA, Afonso Lopes de. Mãe da Vida e das Coisas. Mãe. Rio de Janeiro, Ed. Jornal do Comércio, 1945, p. 38.

a inserção da mulher na sociedade, preparando-a para o casamento (ou para a vida religiosa), jamais para „o mundo”, ou para as atividades consideradas masculinas, como a literatura.

*A conquista do território da escrita pelas mulheres foi longa e difícil, assim como foi romper as paredes da casa/prisão e da prisão/textual que as confinava tendo por veículo um corpo definido como faltoso, fraco, submetido sempre ao escrutínio dos olhares exteriores, e um cérebro tido como não/pensante encontra uma definição de si com a qual possa se identificar*<sup>8</sup>.

Casada com um literata, poeta nascido em Portugal, Filinto de Almeida, naturalizado brasileiro, parece que a vocação de escrever uniu Júlia ao companheiro, casamento que se consagrou também na produção conjunta de uma obra, „A Casa Verde” (1896). Deste casamento nasceram três filhos: Afonso, Margarida e Albano, todos também escritores.

Escritora prolífica, passeava pelos contos, novelas, romances, peças teatrais, comédias, preceitos para as noivas, donas e donzelas (estas em edições de luxo), regras de jardinagem; articulista de vários jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, não se esquecendo ainda do público infantil a quem dedicou *sessenta narrativas destinadas a instrução da infância, sendo trinta e três em verso e vinte e sete em prosa*<sup>9</sup>, adotados para uso das escolas primárias<sup>10</sup>.

Júlia assumiu em sua vida particular e em toda a sua obra, a premissa de que a mulher deve ser instruída para poder desempenhar sua função social, em especial, no que se refere à educação primeira dos filhos. Sua luta constante foi contra a idéia de uma mulher reclusa e ociosa, voltada só para as tarefas domésticas, sombra do sujeito que poderia e deveria ser.

Juntamente com outras mulheres, com destaque a diretora Presciliana Duarte de Almeida, colaborou em „A Mensageira”<sup>11</sup>, elaborando artigos combatendo a postura veiculada à época da mulher „ornamento”, „rainha do lar”. Propôs, em contrapartida, uma atitude combativa, prestativa,

---

<sup>8</sup>) TELLES, Norma. Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX. São Paulo, 1987. mimeo. (Tese de Doutorado. PUC/SP).

<sup>9</sup>) BLAKE, Sacramento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1899, p.241.

<sup>10</sup>) „Obra aprovada pela Instrução Pública da Capital Federal e outros Estados da República Brasileira, contando três edições rapidamente esgotadas, cada uma de cinco mil exemplares, duas feitas em Lisboa e uma no Rio de Janeiro, facto excepcional, que testemunha o extraordinário mérito desse trabalho modelar”- (TORREZÃO, Guiomar, „Júlia Lopes de Almeida”. A Mensageira, 15/06/1899, p.100),

<sup>11</sup>) A Mensageira: Revista Literária dedicada à mulher brasileira. 1897 a 1900.

que ela se apresentasse para ajudar na construção de um país desenvolvido e civilizado.

Em um de seus artigos exaltava os ideais feministas, utilizando-se até de um certo ar jocoso para traçar a imagem imposta à mulher:

*Dizem que somos débeis (e chegam a convencer-nos) porque somos franzinas, ou porque somos pállidas, ou porque somos tristes! Não se lembram de que tudo isso é efeito de uma educação mal feita, - contra a qual devemos reagir a bem de nossos filhos -, passada no interior da casa, sem exercício, sem convivência, sem jogos, sem despreocupações de preconceitos, sem estudo bem ordenado, sem viagens, sem variedade, sem alegria enfim!*<sup>12</sup>.

A luta pela instrução estava ligada ao conhecimento prático - o engajamento da mulher num universo produtivo e formador da nacionalidade brasileira - descartando alguns comportamentos de caráter tradicionais que revelavam a ociosidade, a inferioridade e, principalmente, o despreparo para a vida.

Alertava contra as credices, contra o hábito de recorrer às ciganas para prever o futuro, „o futuro é feito pelos trabalhos, empreendimentos, inteligência, caráter”<sup>13</sup>, mostrando um mundo de progresso que avança sempre:

*Aqui, a locomotiva rasga a terra, fura os montes, leva para diante a civilização que tudo aperfeiçoa ... Além, lá no horizonte, que já não é misterioso, um transatlântico arfa em demanda do nosso porto*<sup>14</sup>.

Outro traço que perpassa a obra de Júlia é um nacionalismo crescente e acentuado que a levava a pensar num Brasil-nação, independente culturalmente dos padrões europeus, postura que a impulsionava a criticar, por exemplo, a divulgação da obra de M.Delly, por ser produzida em um contexto diferente do brasileiro e propagar idéias, comportamentos e modelos calcados em uma realidade *fin-de-siècle* exterior ao Brasil.

Na obra infantil, principalmente, Júlia Lopes de Almeida propunha-se a inculcar nas crianças o valor dos símbolos nacionais, a valorização da língua a ser preservada

*como veículo de nosso pensamento, a nossa pátria e o melhor elemento da nossa raça e da nossa nacionalidade. (...) Não deixeis que outras a invadam e a deturpem. Não deixeis que a viciem e lhe cosam remendos aos trajes magníficos*<sup>15</sup>.

<sup>12</sup>) ALMEIDA, Júlia Lopes de. Seleção. A Mensageira, 15/12/1899. p. 213.

<sup>13</sup>) ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Nossa Bandeira. Histórias de Nossa Terra. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1907, p. 8.

<sup>14</sup>) ALMEIDA, Júlia Lopes de. Carta I .Histórias de Nossa Terra. p. 24.

Dentro da preocupação nacionalista, baseada em fatos da história brasileira, os conteúdos escritos em „História da Nossa terra” demonstram valores acerca da honestidade, da voluntária resignação à sorte de cada um, o repúdio à guerra, a exaltação do trabalho na terra, a obediência irrestrita e absoluta aos deveres que indicariam a perspectiva civilizada e os rumos pelos quais o país se orientaria.

No conto „A Pobre Cega”, incluía-se uma interpretação do indígena

*que eram os selvagens, os índios, como impropriamente os chamamos? Homens impetuosos, guerreiros com instintos de animal feroz. Entregues absolutamente à natureza, de que tudo sugavam e a que por modo algum procuravam nutrir e auxiliar, estavam sujeitos às próprias privações ... sem cuidar da terra e sem amor ao lar, abandonavam as suas aldeias, poucos anos habitadas, e que ficavam pobres taperas sem um único indício de saudade, daqueles a quem agasalharam ! (...) O índio vivia para a morte: era antrhopophago, não por gula mais por vingança. As mulheres eram como escravas, submissas, mas igualmente sanguinárias. (...) Que alegria invade o meu espírito quando penso na felicidade de ter nascido quatrocentos annos depois desse tempo, em que o homem era uma fera, indigno da terra que devastava, e como extremeço de gratidão pelas multidões que vieram redimir essa terra, cavando-a com a sua ambição, regando-a com o seu sangue, salvando-a com a sua cruz<sup>16</sup>.*

Curioso notar que ao mesmo tempo em que a autora proclama a língua nacional como símbolo intocável da Pátria brasileira, seu olhar sobre o indígena é traído pelo eurocentrismo nitidamente português que considerava o Descobrimento e a conquista como empreendimento salvacionista, redimindo o selvagem e cultivando „*com o sangue*” esta terra *brasilis*. Para dar ênfase a esta relação civilizado/ selvagem, pretendo retomar a análise proposta por Norbert Elias sobre o „processo civilizador”, imposto pelos padrões europeus aos territórios-colônias<sup>17</sup>. Ainda instigante a partir de seu posicionamento quanto a questão indígena dentro do contexto da construção da nacionalidade brasileira, a noção de cidadão/ cidadania, embora não explicitada, aparece imanente nos textos, ligada à instrução, necessária para homens e mulheres.

*A mulher instruída com solidez não poderia ser um peso para seu marido ou pai, um fardo para a sociedade; mas, sim um braço forte que lutava com dignidade e altivez para a felicidade da família e para o orgulho da pátria... Alguém dizia que*

---

<sup>15</sup>) ALMEIDA, Júlia Lopes de. A nossa Língua. Histórias de Nossa Terra. p. 12/13.

<sup>16</sup>) ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Pobre Cega. Histórias da Nossa Terra, p. 126/129.

<sup>17</sup>) ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro, Zahar, 1990, vol. 1 e 2.

*instruir a mulher é preparar as gerações do futuro... porque é justamente pela instrução da mulher que se começava a do homem...*<sup>18</sup>.

Embora vivendo em um período de rupturas e de transformações sociais, explicitando seu nacionalismo em relação a certos temas, ao cotejar a Monarquia com a República, e optar por esta última, Júlia transplantou para a República brasileira o lema do processo revolucionário francês, apregoando a *Liberté, Égalité e Fraternité*, como solução necessária para um país que se formava, num sincretismo de ideologias, deixando muitas vezes aflorar sua base cultural, nitidamente francesa.

Não se deve perder de vista as raízes do discurso de Júlia Lopes de Almeida, sua inserção na estrutura sócio-cultural, o que possibilita decifrar as tensões existentes no âmago de sua vasta produção literária, explicitadas na relação dialógica existente entre Ela (autora) e ela (personagem do seu próprio momento histórico).

Retomamos ainda o pensamento de Mikhail Bakhtin, para quem a escrita literária é um campo de energia determinado pela luta constante entre as forças centrípetas que esquecendo-se da história resistem em mover-se, buscam a morte para manter a junção dos fatos, sempre idênticos e unidos; e as forças centrífugas que anseiam pelo movimento, pelo futuro, pelo fazer-se histórico, pela mudança e que asseguram a constante mutação dos fatos.

Esta tensão entre o estável e o em movimento, entre o passado modelar e o futuro como incógnita está presente na obra de Júlia Lopes de Almeida. Ao mesmo tempo em que reforça alguns padrões adstritos à mulher - bondade, honra, delicadeza, firmemente vinculados às construções católicas sobre o feminino, propõe outros qualificativos - inteligente, forte, combativa, entre outros -, vislumbrando já, no final do século XIX e início do XX, os novos papéis sociais que a mulher chamaria para si.

Utilizando ainda de Bakhtin, quero desvelar o embate entre a escritora e a mulher, entre a jovem de família abastada, incentivada pelo próprio pai a ingressar na carreira literária e a senhora Júlia, esposa de um conceituado escritor.

Que traços familiares - atávicos, quem sabe? Que valores individuais, que códigos são aportados pela mulher para a obra da escritora? Como se fundem e se confundem a visão cristalizada de mundo do fim do século XIX com a infinidade de possibilidades que se projetam com o advento do XX?

Temos sempre em mente que a história, somos nós mesmos que construímos; que o passado é parte constitutiva do presente e que um dado

---

<sup>18</sup>) Depoimento de Lavínia Ribeiro do Valle de Camargo. São Paulo, Abril de 1995.

momento histórico se faz presente através da cultura, mostrando sua face através da literatura, da pintura, da escultura e de quantas manifestações do engenho humano possam existir.

A proposta é utilizar como premissa que „as raízes da verdade histórica tem os documentos como voz, não como testemunhos”<sup>19</sup>. Ouvindo e adentrando no que narrou Júlia Lopes de Almeida em sua vasta produção literária, poderei captar fragmentos de uma época, a inserção da mulher brasileira - como sujeito histórico -, não só na sociedade como na produção cultural, a possibilidade da literatura ter contribuído para o alargamento dos horizontes de uma mulher, até o momento, resguardada do mundo pelos reposteiros dos salões de festas, ornamento de quem se exigia uma omissão apreendida em relação à vida que ela só poderia descortinar através do permitido, do modelar.

Mulher de elite, desempenhou um papel na educação e na instrução informal de diversas gerações de brasileiras, abrindo espaços de debates sobre as práticas e os fazeres femininos na passagem do século XIX para o XX.

Descobrir a presença da voz feminina na literatura brasileira, significa registrar a historicidade de um modo de ser que emerge no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, inserida no contexto da urbanização e no complexo emaranhado de suas contradições. Significa também a tentativa de articular formas desordenadas, reanimar algumas de suas expressões mais relevantes.

Significa, acima de tudo, ouvir os diferentes tons que esta voz assume ao se elevar ou ao se calar, às vezes desproporcionalmente alta, às vezes tão secreta e em surdina que mal se pode ouvi-la; na artilosa e íntima tomada de posição em um espaço até então interdito e ignorado; num solitário processo de tomada de consciência de sua própria identidade, sinais que se mesclam frequentemente com o lirismo sempre aflorado dessas escritoras que se posicionam como personagens (às vezes velados) de suas próprias tramas.

Para se registrar essa voz e essas dissonâncias, perceber a tensão entre o „eu” que escreve - e que se retrata em alguns momentos - e a sociedade que o rodeia, a necessidade de se trabalhar com fragmentos e estereótipos. Com os fragmentos de uma tradição. Consoante Carlos Rojas, Professor de História e Literatura da Universidade de Emory (Atlanta, Geórgia), o

---

<sup>19</sup>) BARTHES, Roland. Michelet. São Paulo, Cia. das Letras, 1991, p. 73.

*destino da História é acercar-se cada vez mais da literatura, utilizando-a como fonte para desvendar momentos em que a luz histórica não dá conta de um acontecimento*<sup>20</sup>.

Enquanto a história, particularmente algumas vertentes do século XIX - historicismo, positivismo, marxismo - atém-se a narrar os fatos que verdadeiramente aconteceram, a literatura, segundo Roland Barthes ocupa-se do que poderia ter ocorrido, dando voz e cor a personagens que a história facilmente poderia ter esquecido. Além disso, cada autor é fruto do seu tempo, produto da mentalidade de uma época, que alicerça sua narrativa em um elenco de crenças, valores e significações que fazem parte de sua própria inserção no contexto social.

Do cruzamento desses dois vetores: a temática e a vinculação coetânea do autor, pode-se apreender um *insight* de um momento histórico muitas vezes bastante significativo e que poderá lançar um fecho de luz sobre a história do período.

*Cada homem é uma humanidade, uma história universal ... e, no entanto, este ser, onde habitava uma generalidade infinita, era ao mesmo tempo um indivíduo especial uma pessoa, um ser único, irreparável, que nada irá substituir. Nada que tenha havido antes, que haverá depois*<sup>21</sup>.

]

## RESUMO

A literatura e a história sempre configuraram-se com áreas vinculadas e que apontavam as representações sociais de uma determinada época. Neste texto, pretende-se enveredar pelas nuances da literatura feminina brasileira do século XIX, mais especificamente o mundo literário criado pela autora Júlia Lopes de Almeida, representante da elite paulista, matizando o processo histórico referente a passagem de um século a outro. Enveredar pelos escritos e documentos, o imaginário, as ações é trazer a lume a inserção das mulheres nas experiências cotidianas da passagem do século XIX para o XX, em suas representações.

Palavras-Chave: História - Gênero - Literatura - Brasil - Século XIX

---

<sup>20</sup>) ROJAS, Carlos. *El Pais*, 20 de junio de 1995, p, 40.

<sup>21</sup> MICHELET, Jules, *Histoire de France*. Citado por BARTHES, Roland. Michelet, p. 89.